

# A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar  
GUIMARÃES

SEMENARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador—Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesense  
Rua de Fayo Galvão

## A situação da Igreja em Portugal

A maioria dos nossos cathólicos estão muito socegados com a situação da Igreja em Portugal; parece-lhes muito regular essa situação e entendem que não ha motivos para inquietações, apesar das frequentes lufadas de vento revolucionário que sopram por toda a parte. Ora é facil mostrar-lhes que laboram num lamentavel equívoco que pode produzir grandes males.

Em França, antes da ruptura de relações entre a Igreja e o Estado, a situação religiosa era muito melhor que agora entre nós, como muito bem se pode verificar. Lá havia a concordata, que em 1801 tinha sido concluída entre Pio VII e Napoleão I. Não era boa para a Igreja e nunca foi interpretada com verdadeira lealdade pelo governo francês. A Santa Sé tinha feito as maiores concessões possíveis, e o Estado francês ainda alargava um pouco mais essas concessões. No entanto era uma convenção bilateral que sempre mereceu algum respeito aos governos mais anticlericaes. E ainda a Santa Sé, conhecendo bem a desorganização dos cathólicos franceses e a ferocidade dos seus inimigos, já não desejava nem pedia outra coisa senão a conservação da concordata.

O sábio Pontífice Leão XIII, nas duas encyclicas que em 1892 dirigiu ao clero e povo francês, o que mais lhes recommendava era que, não obstante as suas divisões politicas, todos se empenhassem na manutenção das relações concordatárias. E com effeito, enquanto vigorou a concordata, o governo francês, com vontade ou sem ella, com mais ou menos lealdade, sujeitava-se a ella e não podia deixar-se arrastar pelos seus caprichos. Tinha deante de si uma lei que não podia postergar sem desdouro. E assim essa convenção, apesar das múltiples vicissitudes por que passou a França durante um século, durou mais de cem annos.

E entre nós, que convenção, que estatuto ha aí, que regule as relações entre o Estado e a Igreja e que seja um estôrvo aos caprichos daquelle?

E' coisa que não ha, apesar de se encontrar frequentemente na imprensa e até em discursos parlamentares esta expressão: segundo o *systema concordatário* em que vivemos.

Concordatas para regular

negócios especiaes temos tido algumas, mas para regular todas as relações entre a Igreja e o Estado não temos nenhuma. Por isso é que entre nós o Estado, por sua conta e risco, faz o que quer, sem pedir auctorização nem dar satisfações a ninguem. E leva tam longe as suas pretensões, que considera como um crime o simplez facto de pôr em dúvida os direitos da corôa acerca de materias ecclesiásticas.

A Carta Constitucional, que foi promulgada sem o assentimento da Igreja, considera como sendo do padroado real todos os beneficios ecclesiásticos; e o modo de prover esses beneficios foi regulado exclusivamente pelo poder civil, como se fosse uma attribuição propriamente sua.

As irmandades e confrarias tambem estão sob a mais completa dependência do Estado, sem que a Igreja tenha sido ouvida para isso.

Os bens ecclesiásticos vendidos sem licença da Santa Sé e o governo é que arrecada o dinheiro respectivo e o applica no que bem lhe parece.

A existência das Ordens religiosas aí está regulada por um decreto meramente civil.

Numa palavra, o Estado entre nós faz tudo o que quer em materia ecclesiástica, sem haver uma lei a que se sujeite. Tem muito mais liberdade do que tinha o Estado francês antes do rompimento de relações com a Santa Sé. Ora, se este por fim passou por cima da concordata, o que não fará o nosso, possuido das mesmas tendências, e sem empecilho de espécie alguma?

E' uma simplez questão de tempo e oportunidade.

Se os cathólicos se não unirem e defenderem vigorosamente, o nosso Estado, mais cedo ou mais tarde, irá até onde foi o francês, se não lhe der para ir ainda mais longe.

Será isto pessimismo da minha parte, e oxalá que fosse, mas todas as indicações me levam á convicção de que, se os cathólicos dormirem, um dia ham de acordar sobresaltados com o que virem. As ideias que vogam nas altas espheras governativas, ham de produzir o seu effeito, se não houver quem as contrarie, formando uma corrente que as neutralize ou modifique.

Mas para que me hei de eu affligir com isso, se outros, mais altamente collocados e mais responsaveis, não se affligem?

P. A.

«O favor dos príncipes não exclue o mérito, mas tambem o não suppôe.»

La Bruyère.

## DE MAL EM PEOR

Já aqui dissemos—mas não nos cansaremos de repetir—que muito desejáramos não ter de voltar a discutir os erros dos religiosos de Montariol: desde que Roma fallou, e tam eloquentemente, demos a questão por terminada.

Infelizmente porém os mais interessados em que sobre o assumpto se fizesse silencio, continuam, com o seu procedimento reprehensivel e com o escândalo de novos erros, a provocar os defensores da verdadeira doutrina.

A auctoridade suprema da Igreja já mandou supprimir a *Voç de Santo Antonio*, que era o principal vehiculo da perniciosa e condemnada doutrinação: mas os insubmissos doutrinadores ainda alargaram mais os seus meios de propaganda. Até aqui, na imprensa, quasi se contentavam com a extincta revista: agora têm ao serviço numerosos periódicos cathólicos e liberaes.

O supposto exórdio do sr. P.º Bartholomeu Ribeiro—de que os nossos leitores já têm conhecimento—foi mandado pelo auctor pelo menos para seis periódicos, que o publicaram. E o certo é que esse escripto, alem dos defeitos que já aqui apontamos, contém erros gravíssimos de doutrina, como já notou a *Revista Catholica*.

Quando aqui o publicamos, apenas o acompanhamos das considerações necessárias para desfazer as falsidades, relativas a nós, com que o auctor o acompanhava. Não podemos porém deixar de pé os graves erros que o auctor quis archivar em nossas columnas.

Limitar-nos-hemos a brevíssimas reflexões. Os leitores entendidos alargá-las-ham e apreciá-las-ham como lhes parecer.

Transcrevamos fielmente.

«Christãos: Celebra hoje a Santa Igreja a realização daquelle promessa feita por Jesus aos seus apóstolos, nas vespéras da sua gloriosa Ascensão: *recebereis o Espirito de Verdade que procede do Pae*.

Promette Jesus a seus apóstolos o Espirito de Verdade; mas para que esta verdade prometida por Elle se não confundisse (*sic*) com a verdade do filosofo, nem com a verdade de jornalista, nem com a verdade de orador, nem com a verdade do parlamentar, conferencista ou meetingueiro, nem com a verdade do politico, acrescentou, a *Verdade que procede do Pae*. E esta Verdade que procede do Pae—a verdadeira, a unica verdade—só a promette a Pedro e a seus successores, e aos apóstolos e a seus successores, isto é, ao magestrio (*sic*) da Igreja, e a mais ninguem. A mais ninguem.»

Nestes poucos períodos, o sr. P.º Bartholomeu Ribeiro soube metter vários erros.

1.º—Identifica o Espirito de verdade, isto é, a terceira pessoa da Santíssima Trindade—de que falla o texto e a que se referiam as promessas—com a verdade que o Espirito Santo havia de ensinar ou recordar. Identifica o Espirito Santo com os seus dons, a causa com o effeito.

Ora isto é manifestamente opposto á fé cathólica.

Para não alongarmos este artigo com escusadas demonstrações duma verdade que todos os

cathólicos conhecem e acreditam, citaremos apenas dois textos de S. João (em cujo evangelho mais vezes se encontra repetida a promessa do Espirito de verdade); textos insusceptíveis de duas interpretações relativamente ao ponto que nos occupa, e nos quaes o Espirito de verdade se distingue evidentemente da verdade que elle havia de ensinar ou recordar.

«O Consolador, que é o Espirito Santo, que o Pae enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.»—«*Paracletus autem Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille uos docebit omnia, et suggeret uobis omnia, quaecumque dixerit uobis.*» (Joan., XIV, 26.) «Todas as coisas» commenta Corn. a Lapide «que respeitam aos mysterios do meu advento e encarnação; todas as coisas que sam necessárias para a instrucção, fundação e estabilidade da Igreja.» (In Joan.)

«Quando vier aquelle Espirito de verdade, ensinar-vos-ha toda a verdade.»—«*Cum autem uenerit ille Spiritus ueritatis, docebit nos omnem ueritatem.*» (Joan., XVI, 13.) Toda a verdade—diz o mesmo sábio commentador, com S. Cyrillo, Theophylacto, Euthymio, etc.—toda a verdade «que convem vós saibais nesta vida, que para que vos dirijais não só a vós mesmos, mas tambem a todas as gentes, no caminho da salvação.» (In Joan.)

Esta identificação do Espirito de verdade com a verdade por elle ensinada está tanto no animo do escriptor, que elle diz e repete que é a verdade quem procede do Pae, quando todos os textos dizem que quem procede do Pae é o Espirito de verdade. (Joan., XIV, 17, XV, 26.)

Pondere-se como o sr. P.º Bartholomeu trata o augusto dogma da Santíssima Trindade.

2.º—Identifica a infallibilidade da Igreja com a verdade ensinada pelo Espirito Santo.

Ora é evidente, para todos aquelles que têm alguma noção da infallibilidade, que uma coisa é a verdade recebida de Deus, da qual a Igreja é depositária e mestra infallivel, e outra coisa é a assistência e acção divina que a impede de errar.

Aqui temos pois outro dogma de fé cathólica, que sai mal ferido do escripto do sr. P.º Bartholomeu.

3.º—Diz que a *única* verdade é a ensinada pelo Espirito Santo, isto é, a verdade recebida sobrenaturalmente, a verdade da fé; negando portanto que possa attingir-se a verdade por meios naturaes.

Ora isto é absolutamente falso: a) *Philosophicamente*. E este ponto escusa demonstração. A doutrina do sr. P.º Bartholomeu Ribeiro oppôe-se á experiencia evidente de todas as cabeças sãs; arruina pela base todas as sciencias; e leva directamente ao monstruoso absurdo do scepticismo absoluto em tudo aquillo que não é de fé divina.

b) *Theológicamente*. Se se não pode attingir a verdade por meios naturaes, se a *única* verdade é a da revelação, é evidente que a razão natural não pode chegar ao conhecimento certo de Deus. Ora a Igreja cathólica condemnou so-

lemnemente semelhante doutrina, fulminando anathema contra quem disser que Deus não pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana. (*Conc. Vatic., can. 1. de Reuelat.*) A mesma verdade consta de vários passos da Sagrada Escripura: *Sap., XIII, 1, Rom., I, 19-21, etc.*

Se a *única* verdade é a verdade da fé, desapparecem os motivos de credibilidade, que o *Conc. Vatic.* chama *signaes certissimos da revelação divina*. E, sem estes, a que fica reduzida a racionalidade da fé? O crente não pode crer racionalmente sem ver que deve crer: «*Non enim crederet, nisi uideret ea essa credenda uel propter euentiam signorum uel propter aliquid huiusmodi.*» (*D. Thom., 2. 2. q. I, a. 4 ad 2.*)

Portanto esta última doutrina do sr. P.º Bartholomeu Ribeiro nega uma verdade definida pela Igreja, e leva á destruição e impossibilidade da propria fé.

No supposto exórdio mais alguma coisa ha que notar: mas, perante o modo como o infeliz prégador trata estes dogmas da fé cathólica, tudo o mais será coisa pequena.

Ora pondere-se bem o seguinte: o sr. P.º Bartholomeu escreveu reflectidamente o seu supposto exórdio; escreveu-o para o consignar em letra redonda; escreveu-o para lhe dar a máxima publicidade, mandando-o para multidão de periódicos; escreveu-o com a certeza de que elle havia de ser objecto da critica de muita gente: e, apesar de tudo isso, introduziu nelle os gravissimos erros que ficam apontados. Perguntamos agora: De que não será capaz o sr. P.º Bartholomeu, quando as circunstancias não sam tam melindrosas?

Teria o imprudente escriptor motivo para estranhar que alguém dissesse que elle já é conhecido pelas suas errôneas doutrinas? Será preciso mais algum argumento para tirar todos os visos de temeridade a semelhante accusação?

Lamentamos profundamente que semelhante orientação, ou—melhor—desorientação doutrinal se encontre precisamente num sacerdote que, segundo o seu proprio testemunho, exerce largamente o officio de mestre das almas. Lamentamos que os pobres fieis, tam carecidos do alimento da sã doutrina, estejam assim expostos a recolher o mais perigoso veneno.

E tambem lamentamos do fundo do coração que alguns órgãos da imprensa cathólica—cujo nobre officio é combater o erro e ensinar a verdade christã—franqueiem as suas columnas para a diffusão da heresia.

Quando se emprehendeu e sustentou a lucta contra os erros de Montariol, esses periódicos calaram-se, deixando a pesada tarefa a dois periódicos de provincia, cuja pequena circulação tornava a campanha menos fructuosa. Agora, depois que a auctoridade suprema da Igreja deu razão á campanha, declarando que eram verdadeiras as accusações feitas; que os auctores dos erros, esquecidos da sua profissão, seguiam mau caminho; que *muitas* das suas doutrinas estavam em *manifesta opposição* com o espirito da Igreja e com as instrucções da Santa Sé; que este facto maguara

vivamente o ânimo de Sua Santidade; que o mal causado já era muito grave; e que a vontade do Summo Pontífice era que o vehiculo dos erros suspendesse immediatamente a sua publicação: agora, dizemos, é que esses periódicos julgam obra boa abrir as suas columnas para se tratar a questão, não porém—que tristeza!—para se enfileirarem ao lado do Papa e dos defensores da doutrina catholica, mas para facilitarem aos infelizes apóstolos do erro condemnado a continuação da sua obra de perturbação e ruína!

Dizemos isto com o mais sincero pesar, abstendo-nos de apontar factos ou entrar em reflexões que augmentam a possa dôr. E quem o diz é bem amigo da imprensa catholica, e tem a consciência de ter feito por ella não vulgares sacrificios. Mas, por isso mesmo é que o afflige vê-la faltar ao seu dever, alienando a sympathia e a confiança dos catholicos e tornando-se indigna dos seus sacrificios.

Perdê-se-nos este desabafo do nosso zêlo.

«Ha luzes que se apagam ao porem-se sobre o candelabro.»

De Bonald.

## Fanatismo e intransigencia

Os liberaes e os jacobinos, que entre nós vivem em escandalosissimo contubernio e trabalham no mesmo campo, inspirados pelo mesmo ideal, com o mesmo plano, para o mesmo fim, dirigem-nos sarcasmos sangrentos, cobrem-nos motejos irritantes, cobrem-nos de aleives e insultos com uma ousadia pasmosa, constantemente.

Fazem monopolio de todas as regalias sociaes. Não pedem favores. Exigem tudo que querem como quem reclama direitos adquiridos e indiscutíveis. E triumpham omnimodamente e esplendorosamente.

Realiza-se com elles, á evidencia, o *audaces fortuna juvat*.

E ai de quem lhes pretender contestar os processos, ai de quem buscar pôr-lhes ao léo as artimanhas!

Erguem-se logo, açodados, e investem furiosamente contra os *impios*, que ousaram tocar na arca das suas proesas—proesas que sam sinecuras, concussões, peculatos, esbanjamentos, assassinatos e assassinatos qualificados, crimes hediondos, abjecções e torpezas.

Mas ai de quem levanta a voz no meio deste descalabro para um protesto, ou seja apenas para um lamento!

E' logo enodado pelo enxovalho do volutabro onde elles—os puritanos cynicos—chafurdam.

Rodeiam-se de lagalhês, que lhes applaudem as audacias, inconscientemente, e que não toleram que alguém se interponha ante os seus idolos.

De modo que nós—os que ainda temos no coração e na mente a luz do ideal antigo da crença e do patriotismo—se quisermos viver, temos de ser o arreburinho dessas cabildas infames, despoticas, intolerantes, fanaticas e cruéis, que nem sentimentos de humanidade encerram, ao menos em vizlumbre, nos seus derrancados e empedernidos corações.

Nós associamo-nos á commemoração dos seus heroes... ás vezes até quando elles os agitam como espantalhos de propaganda dos seus fins perversos, dos seus ideaes subversivos, e quando mesmo elles elevam ao prestigio da gloria personalidades de muito problematico merecimento.

Elles impedem os nossos cortejos, oppõem-se á celebração das nossas festas, interrompem a so-

lemnidade das nossas homenagens, mesmo quando os nossos heroes sam vultos de prestigio nacional inconfundível como o insigne Padre Vieira ou mundial como Santo Antonio de Lisboa.

Elles escurecem e apagam nos seus discursos, nos seus livros e na sua imprensa os nomes dos seus adversarios, por mais brilhantes serviços que prestem, ou por mais illustres que tenham sido.

Nós palmeamos o talento onde quer que elle se manifeste pujante e homenageamos o trabalho prestimoso onde quer que elle se evidencie.

Fazemos até, com uma isenção que chega a ultrapassar as raías da mais desmedida prodigalidade, fazemos apologias publicas de individuos que foram da grei delles e nossos irreconciliaveis e prejudicialissimos inimigos e chegamos—que demencia!—a levar para os nossos templos e para os nossos pulpitos, irreverentemente, profanadoramente, nomes consagrados pela demagogia, pela tyrannia da liberdade.

E nós é que somos intolerantes!...

E nós é que somos reaccionarios!...

E nós é que somos intransigentes!

Nós é que somos fanaticos! Nós somos mas é victimas do mais barbaro fanatismo.

Nós somos esmagados pela mais ferrea intransigencia.

S. G.

«Não vades á Africa para ver monstros: viajai no meio dum povo em revolução.»

Pythagoras.

## Ainda o enorme escandalo do pregador de S. Vicente em Braga

Por mais que queiramos fazer silêncio sobre os desmandos dos infelizes religiosos de Montariol, elles não nos deixam. A elles fiquem as responsabilidades.

A epigraphe a que subordinamos estas linhas é a que empregou o snr. P.\* Bartholomeu Ribeiro num longo... artigo (chamamos-lhe assim, pela repugnância que temos em usar dos nomes que semelhantes coisas merecem), publicado numa folha que se não recebe nesta redacção. Deu-nos conhecimento da publicação um amigo.

Percebemos muito bem o intuito com que se recorre a certos expedientes, e não estamos dispostos a fazer a vontade aos seus auctores. Nenhuma resposta daríamos a taes coisas, se o signatário, apesar de transviado, não fosse um sacerdote. Podemos combatê-lo, mas não o desprezaremos.

Mas a resposta que lhe damos, é simplesmente para mostrar que o não desprezamos: porque os seus dizeres ou sam puerilidades com que nos não occupamos, ou indignidades que mais aggravam quem as escreve do que aquelles contra quem se dirigem.

Exemplos: O snr. P.\* Bartholomeu teve ânimo para escrever que lhe não publicamos integralmente o artigo aqui criticado no n.º 284!...

E não receou o justo conceito em que o haviam de ter os leitores, que quisessem conferir o texto aqui publicado com o que o auctor mandou para várias outras folhas!... E não se lembrou de que nós mesmos o podemos desmentir altiva e irresponsavelmente, pondo—como pomos—o original do snr. P.\* Bartholomeu á disposição de quem o quiser ver e conferir com o texto que saiu

em *A Restauração*!... E não se lembrou de que fomos tam completos e tam fieis na reprodução do seu escripto, que até a cacographia lhe respeitamos («á» em vez de «ha», «confondisse», «magesterio», «lega-la» em vez de «ligá-la», «devisão», «insobordinação», «segnificado», etc.)

Para se defender da presumpção de que já não precise, pelo muito uso do púlpito, de escrever e decorar uma simplez prática, compara-se com um bêbado!... Repugna-nos empregar esta palavra: mas o snr. P.\* Bartholomeu empregou-a na comparação que fez!... Vejam os leitores se vale a pena tomar isto a sério.

Reproduzindo as palavras que no púlpito de S. Vicente causaram escandalo, accrescenta á enumeração dos que cercam o Papa—a respeito dos quaes o orador quis ensinar aos ouvintes a novidade de que elles não sam infalliveis—os *cónegos* e *vice-reitores*, etc. E queria talvez que o acompanhássemos nas suas injurias allusões pessoaes...

Diz que *A Restauração* conhece e «parece ser órgão» de sujeitos que espalham «muitas galgas». E um sacerdote, que se não peja de lançar a público, gratuitamente, tam injurias suspeições—absolutamente calumniosas e indignas dum homem de bem—ou sa intimar-nos para que lhe promovamos o que lhe veiu á cabeça!...

Tenha paciência: não o podemos tomar a sério. Quanto a ser o snr. P.\* Bartholomeu bem conhecido pelas suas erradas doutrinas, o seu supposto exórdio dispensa-nos de ir muito longe: leia o que noutro artigo deste numero escrevemos sobre o assumpto.

Mas isto de um religioso descer a taes processos, publicamente, sem disfarces, subcrevendo com o seu nome indignidades como aquellas de que apenas apontamos alguns exemplos, sem que haja um superior que, pelo menos em nome da reputação da Ordem, o contenha dentro das normas mais elementares da seriedade e da prudência, mostra que o mal é muito grave, e cada vez dá mais razão ás gravissimas accusações que correm mundo contra os infelizes transviados.

Deus os conduza ao bom caminho!

«A mentira é um vício do espirito e do coração.»

Chesterfield.

## JUSTIÇA!

Tendo saído algum tanto atrasados os últimos números de *A Restauração*, sai este, e esperamos saíram os proximos, antes do costumado intervallo de sete dias, a fim de reparar aquelle pequeno atraso.

Em virtude desta antecipação de dois dias, com que não conta a va o nosso illustre collaborador, snr. Capitão Pereira do Paço, não publicamos neste numero o seu artigo em continuação dos que, sob a epigraphe que encima esta explicação, aqui se têm publicado.

«O magistrado é a lei a fallar; e a lei é o magistrado mudo.»

Cicero.

## Minúcias

XXVI

«Uma garrafa de agua mineral?»

Tal é a insidiosa pergunta que se vos fará, se pedirdes almoço—

ou até jantar—num hotel que tenha algum jeito. Ora aqui pomos uma observação que constitue uma excellente razão para rejeitardes, pelo menos relativamente a muitas aguas mineraes, o desagradavel supplemento que se tenta impôr á vossa fraqueza.

No decurso do estio de 1907, numerosas amostras de agua de Seltz foram examinadas bacteriologicamente pelo dr. Klein; e este especialista reconheceu que a maior parte continha uma quantidade excessivamente grande de microorganismos. Este facto causou alguma admiração, porque era coisa corrente que o anhydrido carbónico sob pressão é um grande agente esterilizador e que sob a sua influencia todas as bacterias sam destruidas nas aguas impuras.

O dr. Klein reconheceu que esta acção esterilizante é real, mas que é excessivamente lenta e que a agua mineralizada pode ainda conter organismos vivos tres ou quatro meses depois de engarrada. Ora, em geral, as aguas mineraes sam consumidas algumas semanas depois de engarradas; e parece impossivel, commercialmente, exigir uma demora sufficiente para obter a esterilização automática.

E' verdade que, depois desta investigação, os fabricantes de aguas mineraes artificiaes na Inglaterra se reuniram e resolveram empregar precauções para não offerecer aos consumidores senão aguas perfeitamente sãs. Fazem notar todavia que é uma utopia procurar agua absolutamente esterilizada. A mesma agua destilada, desde que esteve em contacto com o ar, por pouco que fosse, é quasi necessariamente infectada.

O mais que se pode exigir portanto é que na fabricação se não empregue senão agua perfeitamente pura e que as manipulações sejam feitas com bastantes cuidados para que a agua engarrada não seja mais carregada de bacterias do que aquella que serviu para encher as garrafas.

Ora taes cuidados, quer na escolha das aguas, quer no engarramento, nem sempre se empregam. E, assim, ás pessoas que, por prudência hygiénica, só bebem aguas mineraes, sam muitas vezes victimas duma illusão que nem sempre lhes fica barata.

«O mais infeliz dos homens é aquelle que não sabe supportar a infelicidade.»

Bias.

## Anecdotas históricas

CXCIX

*A luz da morte.*—Cesar Parrini, litterato, professor na universidade de Turim, era um pedreiro livre de grau elevado. Tendo-se batido vergonhosamente em duello, recebeu dezeseis feridas. Sentindo-se próximo á morte, pediu com instancia um sacerdote, e, renunciando á maldita seita na presença de testemunhas, recebeu todos os sacramentos. Depois, nada mais fazia do que abraçar o seu crucifixo, que tinha apertado nas mãos, orando com fervor.

Um amigo disse-lhe: «Como é que tu, que tens sido o que nós sabemos, oras com tanto arrependimento?—Caro amigo,» respondeu elle «as coisas vêem-se por um modo quando estamos em vida, e por outro na presença da morte; e este é que é acertado.»

CC

*A eloquência do exemplo.*—Frederico Ozanam chegou a Paris, tendo dezoito annos. Não era um incrédulo, mas tinha a alma affectada mais ou menos do que o P.\*

Gratry chamava a crise da fé. Um dia Ozanam entra numa igreja de Paris, e vê, ajoelhado a um canto, junto do santuario, um homem, um velho, que rezava o seu têrço. Approxima-se, e reconhece o grande Ampère, o seu ideal, a sciência e o génio vivos. Esta vista commove-o até ao fundo da alma. Ajoelha-se mansamente atrás do mestre: a oração e as lágrimas brotam-lhe do coração. Era a plena victória da fé e do amor de Deus; e Ozanam comprazia-se em dizer: «O têrço de Ampère fez mais em mim, do que todos os livros e todos os sermões.»

CCI

*Bôa retratação.*—O veneravel Cesar de Bus havia sido um gentilhomem mundano de Cavailon. Tocado pela graça de Deus, converteu-se, e rompeu desde logo energicamente com o mundo. Alguns de seus amigos conservavam em seu poder poesias licenciosas que elle outrora compusera: mas elle pediu-lhas, sob pretexto de as retocar, e lançou-as ao fogo na presença delles, dizendo-lhes: «Eiz aqui, senhores, o uso que eu lhes queria dar. Peço-vos perdão do escandalo que vos dei com estes escriptos. Reconheço agora a sua vaidade e loucura, e renuncio a elles para sempre. Segui vós nisto o meu exemplo: e, se o não quereis fazer, não me tolhais na minha resolução.»

Quam raros sam estes exemplos!

«Geralmente as opiniões não sam mais do que o sophisma do interesse.»

Dussault.

## Curiosidades

*Por que aprendeu Coppée a ler.*—Francisco Coppée, em sua infância, era inteiramente rebelde á instrucção: não queria aprender a ler. Elle mesmo se comprazia, mais tarde, em contar a história da sua iniciação nas letras.

«Um dia meu pae leu-me a fábula do *Lobo e do Cordeiro*. O desenlace pareceu-me abominavel. O malvado lobo, devorando o cordeiro innocente, parecia-me um epilogo demasiadamente atroz, sobre tudo injusto, e pouco conforme com o de todas as histórias contadas ás creanças, onde a virtude, depois de escarnecida e molestada, acaba sempre por triumphar. Julguei que meu pae me enganava, que inventava, e disse-lho.—Pois bem:» me respondeu elle «aprende tu a ler, e verás...—Eu estava tam intrigado, que comecei immediatamente o trabalho. Passados alguns dias, lia quasi correntemente...»

E Coppée, cuja fama nas letras é universal, accrescentava: «De que depende o destino!... Se meu pae me não tivesse lido o *Lobo e o Cordeiro*, talvez eu ficasse illetrado...»

*S. S. S. S. S.*—Estám na moda as denominações abreviadas: substituem-se por iniciaes os nomes das associações, das companhias, etc.

O estado maior allemão faz o mesmo para notar, no particular da temperança, os officiaes do exército. Eis aqui como elle procede:

A letra S é a primeira das palavras: *saußen* (beber muito), *sehr* (enormemente), *stark* (forte), *schanaps* (agua ardente) e *schalecht* (mau).

S. quer portanto dizer que o official tem tendências para beber; S. S., que elle bebe enormemente; S. S. S., que bebe prodigiosamente; S. S. S. S., que bebe enorme quantidade de aguarden-

te; finalmente, S. S. S. S. S., que bebe enorme quantidade de aguardente má.

**Nomes grandes.**—Ordinariamente os filhos de família real recebem um número respeitável de prenomes. Mas, segundo vemos numa revista estrangeira, quem, neste particular, leva a palma é a casa de Bragança.

O actual monarcha português chama-se Manuel-Maria-Philippe-Carlos-Amélia-Luis-Miguel-Raphael-Gabriel-Gonzaga-Xavier-Francisco-de-Assis-Eugénio. Treze prenomes!

Mas no ramo não reinante da mesma casa, então é que é. Dois exemplos:

A gran-duquesa de Luxemburgo chama-se Maria-Anna-do-Carmo-Henriques-Theresa-Adelaide-Joanna-Carolina-Ignês-Sophia-Eulália-Leopoldina-Isabel-Bernardina-Michaela-Gabriela-Raphaela-Françisca-de-Assis-e-de-Paula-Ignácia-Gonzaga! Dezenove prenomes!!

A duquesa da Baviera chama-se Maria-Josepha-Beatriz-Joanna-Eulália-Leopoldina-Adelaide-Isabel-Carolina-Michaela-Raphaela-Gabriela-Françisca-de-Assis-e-de-Paula-Ignês-Sophia-Joaquina-Theresa-Benedicta-Bernardina! Vinte prenomes!!!

Oxalá os nomes grandes fossem sempre grandes nomes!

**Micróbios.**—A maior parte da gente não suspeita sequer a falta de limpeza de que padecem muitos géneros alimentícios offerecidos à venda pelas diferentes formas do commercio: já porque as pessoas que os manejam não sam limpas, já pelas poeiras que, sobre tudo nos povoados, os assaltam. Pasma-se do número de micróbios que os sábios descobrem, por exemplo, na superfície dos fructos expostos à venda.

Uns morangos grandes deram, por centimetro cúbico, 1 850 000 bactérias; e umas groselhas, 851 000. Um gaipo de uvas não deu menos de 3 200 000 bacillos!

Razão tinha Pasteur, quando uma tarde, jantando em casa duns amigos, lhes recommendava que nunca comessem um cacho sem cuidadosamente o terem lavado. E, juntando o exemplo à doutrina, mergulhou o seu cacho num grande copo de agua. «Sendo as uvas» explicava o sábio aos seus convivas «de sua natureza úmidas, as poeiras pathogénicas collam-se nellas de preferéncia....»

Mas veja-se como a distração anda às turras com a sciência. Pasteur continuou com suas sábias advertências; e, passado algum tempo, tomou, com um gesto machinal, o copo onde tinha lavado as uvas e... esgotou-o dum trago, bebendo quantos micróbios não quisesa comer.

Ao reflectir no que fizera, foi elle o primeiro que se riu.

«Uma bõa educação é a fonte e a raiz duma vida virtuosa.»

Plutarcho.

## Qual é a minha vocação

III

O que devo aconselhar ácerca da escolha de estado?

CONVERSAS de Theophilo com um missionario

III

DO ESTADO DE PERFEIÇÃO

Primeira conversa

**Theophilo.**—Eiz-me aqui de novo, meu Padre, todo empenhado em recolher as vossas palavras sobre o estado de perfeição.

**O missionario.**—Para que tu as possas comprehender, Theophilo, permite-me que te diga primeiro em que consiste a perfeição. Nota

antes de mais nada que ella é interior e não exterior; porque Deus vê o coração.

**Theophilo.**—Sem duvida; mas que é a disposição interior que torna o homem perfeito aos olhos de Deus?

**O missionario.**—E', segundo os Padres e theologos, a caridade ou o amor de Deus, que nos une da maneira mais intima A'quelle que é o nosso fim último.

**Theophilo.**—E' se perfeito quando se ama a Deus por si mesmo e acima de tudo?

**O missionario.**—Tem-se a perfeição essencial ao christianismo, desde que esse amor de Deus desterre do coração todo o peccado mortal e dê a resolução de observar todos os mandamentos. Esta perfeição da caridade pertence a todo o estado de vida christã, até mesmo ao estado commum de que nós temos fallado até aqui. A razão é porque, ainda que nem todos os que se encontram neste estado tenham esta perfeição, todos sam obrigados a tê-la e têm os meios sufficientes para a adquirir e chegar por isso ao ceu.

**Theophilo.**—Como isto é consolador, meu Padre! mas ha sem duvida um grau de perfeição mais elevado ainda?

**O missionario.**—Ha; porque se pode ter desde esta vida para com Deus um amor que exclue não sómente o peccado mortal, mas tudo o que impede o coração de se dirigir inteiramente para Deus; uma caridade que determina a cumprir não só os mandamentos, mas até alguns conselhos. Esta perfeição é mais util e maior. Pode existir tambem em todos os estados porque por toda a parte se podem guardar alguns conselhos, e para ter uma tal perfeição não é preciso guardá-los todos; mas o estado commum não exige esta perfeição, nem dá meios particulares para a adquirir.

**Theophilo.**—E' pois possível ter a perfeição mais elevada sem estar no estado de perfeição?

**O missionario.**—Sim, Theophilo; a perfeição está na alma; o estado de perfeição é uma maneira de viver exterior e permanente, estabelecida para adquirir ou exercer a perfeição da caridade, não sómente dessa caridade essencial que é necessaria à salvação, mas dessa caridade mais sublime que suppõe o cumprimento dos conselhos.

**Theophilo.**—Assim pois, a perfeição é o fim, e o estado de perfeição é o meio?

**O missionario.**—Precisamente. Ha todavia duas especies de estados de perfeição: o estado de perfeição adquirida e o estado de perfeição exercenda.

**Theophilo.**—O que é o estado de perfeição adquirida?

**O missionario.**—Não é outro que o estado religioso; e o estado religioso tomado na sua significação exacta é o dos fieis que se entregam completamente a Deus, fazendo os tres votos de pobreza, de castidade e de obediencia segundo uma regra religiosa approvada pela Igreja.

**Theophilo.**—Quem estabeleceu, meu Padre, o estado religioso?

**O missionario.**—O sentimento de todos os catholicos cujas opiniões sam sãs, diz um grande theologo, é que o estado religioso foi estabelecido por Nosso Senhor Jesus-Christo. Este divino Salvador quis instituir um genero de vida novo que levasse os homens mais eficazmente à perfeição, e para isso é que elle lhes deu os conselhos evangelicos que sam como a base do estado religioso.

**Theophilo.**—Quantos conselhos evangelicos se distinguem?

**O missionario.**—Distinguem tres: os conselhos de pobreza, de castidade e de obediencia; sam da essencia da vida religiosa propriamente dita.

**Theophilo.**—Não é possível praticá-los fóra dos conventos?

**O missionario.**—E', mas mais

difficilmente; e ainda mesmo que se praticassem no mundo, nem por isso se estaria num estado de perfeição.

**Theophilo.**—Os conselhos evangelicos sam propostos a todos?

**O missionario.**—Sim, a todos os fieis: é a doutrina de S. Thomás. E' tambem o sentimento de Suarez, um dos príncipes da theologia catholica. S. Thomás acrescenta que elles em si mesmos sam uteis a todos e só por falta de disposições de algumas almas é que elles deixam de lhes ser uteis.

**Theophilo.**—Que consolação o pensar que Nosso Senhor não quis tirar a ninguem a nobre ambição de seguir os seus conselhos! Mas sam elles possiveis à nossa pobre natureza?

**O missionario.**—Deus não manda nem aconselha aos fieis senão o que está no poder do homem com o socorro da graça. E esta graça é offerecida e preparada a todo aquelle que a pedir. Nosso Senhor não deu os seus conselhos aos amigos, mas aos homens; elle devia portanto pôlos ao nosso alcance. De resto, o voto de praticar os conselhos é válido, segundo a confissão de todos os theologos. Por consequencia os conselhos sam possiveis, porque o voto duma coisa impossivel é essencialmente nullo.

**Theophilo.**—Todavia, oh! será sempre só o pequeno numero que praticará os conselhos!

**O missionario.**—Certamente, Theophilo, os homens põem mais empenho em correr atraz dos bens, dos prazeres, das honras da terra, que da perfeição evangelica. Para outra vez fallaremos da excellencia e das vantagens do estado religioso.

(Continua.)

«Quando o homem julga que a vida é o supremo bem, degrada a sua alma.»

Platão.

## Noticiario

**S. Torquato.**—Procedendo-se ante-hontem á abertura dos cofres da irmandade de S. Torquato, verificou-se que o rendimento de esmolos, durante o primeiro semestre do corrente anno, montou á quantia de 1:468.465 reis, incluindo 43 libras e uma moeda de 50000 reis em ouro.

**Missa desufragio.**—O snr. Conego José Maria Gomes, illustre professor do lyceu, celebrou hontem na igreja da Collegiada uma missa por alma da mãe do seu amigo, rev. Arthur Fernandes Guimarães, ha pouco fallecida.

**Governador civil.**—Foi nomiado Governador civil deste districto o snr. Dr. Francisco Botelho que, segundo nos consta, tomará posse daquelle cargo na proxima quarta-feira, 6 do corrente.

**Pela instrucção primaria.**—Na circumscripção escolar de Guimarães requereram para exame de 1.º grau 570 alumnos.

Para o exame de 2.º grau requereram os seguintes alumnos: 151 do sexo masculino e 64 do feminino.

Os exames principiam no dia 1 do proximo mês de agosto.

Tomou ante-hontem posse da escola mixta da freguesia de Santo Estevão de Urgezes a snr.ª D. Emilia da Conceição Fernandes, que era professora em Gonça.

## A PRIMAVERA

Estabelecimento de fazendas brancas e miudezas

—DE—

### OLIVEIRA & IRMÃO

Grande e variado sortido de artigos para a presente estação por preços limitadissimos.

Visitem todos a casa Primavera junto á igreja de S. Pedro—Guimarães.

**Anniversario natalicio.**—Os graphicos da typographia Minerva Vimaranesense, desejando fazer uma surpresa agradável ao seu patrão no dia do seu anniversario natalicio, foram em commissão a sua casa, lendo-lhe, e entregando-lhe as seguintes mensagem e poesia:

MENSAGEM

Querido Patrão

Sobre a ultima festa, cuja alegria e entusiasmo sentimos ainda, passou mais um anno de fraternal convívio, que, se não augmentou a respeitosa estima que vos dedicamos, —por isso ser impossivel,— cimentou fortemente o sentimento de affectuosa gratidão que o vosso caracter bondoso, integro e generoso sabe imprimir aos que hora a hora, no lidar do nosso labor diario, apreciam as nobres qualidades do vosso coração!

Mais um anno de trabalho, que os nossos braços não sentiram, porque o trabalho fortifica o corpo, deleita o espirito e purifica os corações, —quando a officina é, como a vossa, um templo onde a paz, a harmonia e a fraternidade, sam os élos que entretencem a cadeia de amor que une patrões e operarios!

Mais um anno de humilde e assiduo labutar em que a actividade do Patrão se communicou aos operarios — sem que estes sentissem outro desejo que não fosse o de corresponder honradamente á nobreza de caracter e verdadeiramente grandeza de alma do seu querido Patrão!

Ah! Se o operariado, que em todo o mundo lucha desesperadamente pela emancipação e produz esse movimento assustador que se chama socialismo; se esses infelizes que se lançam, desesperados, na conquista do seu bem estar, que não passa de uma utopia, houvessem encontrado patrões com os bellos dotes de alma e as primorosas qualidades de espirito que exornam o nosso querido Patrão, essa onda temerosa, que ameaça tudo subverter no abysmo da anarchia, transformar-se-ia bem depressa em paz e ventura!

Se cada patrão se assimilasse ao nosso, cada officina seria um sanctuario de amizade e mutua consideração; cada patrão seria um pae carinhoso e cada operario um filho dedicado!

Assim os sentimentos e assim vimos affirmá-lo com toda a sinceridade dos nossos corações e singeleza das nossas almas agradecidas.

Neste dia de intimo jubilo, em que passa o vosso 43.º anniversario, os vossos operarios, que sam outros tantos amigos, vem desejar-vos a vós e a todos os que vos sam queridos, todas as venturas que Deus concede aos bons e prestar sincera homenagem de eterna gratidão e amizade ao seu querido Patrão e de admiração e respeito pelas vossas virtudes, pela nobreza do vosso caracter honrado e honesto.

Mais um curto anno tragou Do tempo a fauce voraz, Dês que a nossa alma alegrou O dia que aqui nos traz.

Feliz o homem que no bem Seus dias em paz consome! Para elle a existência tem Com razão de vida o nome.

As horas todas da vida Pode aspro trabalho encher: Mas, se é honrada essa vida, E' que tem valor viver.

Que vale, Patrão, no mundo Largos annos ver passar, Se falta o labor fecundo Para o mérito lhes dar?

Ao que assim os dias passa, Em vez de consolação, Propina amargosa taça Do tempo a revolução.

Para esses o anniversario E' motivo de amargura: Lembra da vida o sudário E perdida a sua dura.

Mas o teu, caro Patrão, Sendo vida accrescentada Enche nos o coração De alegria bem fundada.

A ti e a todos os teus Calorosos parabens! Votos fazemos a Deus, Que te dê todos os bens.

A poesia foi-lhe entregue numa pasta forrada a seda azul e branca, sendo-lhe na mesma occasião offerecido um valioso objecto de arte.

### Mercado semanal

No ultimo mercado semanal venderam-se os generos pelos seguintes preços:

Trigo . . . . .	900
Centeio . . . . .	580
Milho alvo . . . . .	17050
Milho branco . . . . .	750
» amarello . . . . .	720
Feijão vermelho . . . . .	17300
» branco . . . . .	17350
» amarello . . . . .	17140
» rajado . . . . .	17000
» fradinho . . . . .	17050
Vinho tinto . . . . .	450
Aguardente . . . . .	30000
Azeite . . . . .	7200
Batatas . . . . .	480
Ovos, duzia . . . . .	140
Gallinhas, uma . . . . .	700

## ANNUNCIOS

### Pensionato Academico

GUIMARÃES

Rua de S. Domingos

Este estabelecimento de educação e ensino admite alumnos internos, semi-internos e externos, sendo leccionados em instrucção primaria e secundaria e nas disciplinas do curso commercial por professores com longa pratica de ensino. Os alumnos confiados a esta casa são matriculados no Lyceu, sendo acompanhados ás aulas por prefeitos de confiança da direcção. No Pensionato teem explicação das lições ou aulas, consoante as condições em que o alumno se matricular.

A disciplina é suave e ao alcance de todas as idades.

A alimentação é abundante, sadia e bem cuidada, como o affirmam dezenas de familias, que nos teem confiado seus filhinhos.

Os alumnos, quando doentes, são alvo de um cuidado especial.

As refeições são sempre quatro: almoço, jantar, merenda e ceia.

A annuidade é apenas de reis 100\$000.

Para mais esclarecimentos envia o programma a quem o pedir á direcção.

O Director,

LUIZ GONZAGA PEREIRA.

# A Restauração



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

—DE—

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.  
Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis alma<sup>ç</sup>os, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

## PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

## Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesense — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

### Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.

1.<sup>a</sup> série—Um vol. de 46 páginas em 4.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 50 reis  
Pelo correio ... .. 60 "  
2.<sup>a</sup> série—Um vol. de 50 páginas em 4.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 50 reis  
Pelo correio ... .. 60 "

### Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
Um vol. de 60 páginas em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura ... .. 50 reis  
Cartonado ... .. 100 "  
Franco de porte.

### Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez com approvação ecclesiastica.  
Um folheto de 32 páginas, em bom papel:  
Preço ... .. 20 reis  
Pelo correio, por cada 5 exemplares ... .. 10 "

### As Bem-aventuranças evangelicas

#### Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
Um vol. de 64 páginas em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura ... .. 50 reis  
Cartonado ... .. 100 "  
Franco de porte.

### Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
Um vol. de 112 páginas em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura ... .. 100 reis  
Cartonado ... .. 160 "  
Franco de porte.

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.<sup>a</sup> edição auctorizada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo Primás.  
32 paginas, em 8.<sup>o</sup>  
Preço avulso 30 rs. franco de porte.  
Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelocorreio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

## OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:  
Preço ... .. 30 reis  
Pelo correio ... .. 35 "

### Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:  
Preço ... .. 80 reis  
Pelo correio ... .. 90 "

### Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.  
Um vol. de 108 páginas, em 8.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 50 reis  
Pelo correio ... .. 60 "

### Izabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.  
Um volume de 156 páginas, em 16.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 50 reis  
Pelo correio ... .. 60 reis

### A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.  
Um volume de 116 páginas, formato elegante:  
Preço ... .. 250 reis  
Pelo correio ... .. 270 "

### O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.  
1.<sup>o</sup> vol., com 128 páginas, em 8.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 80 reis  
Pelo correio ... .. 90 "

## ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

### Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

### Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 reis.  
Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não será attendidas.

# HIGH-LIFE — ATELIER DA MODA

93, Rua da Rainha, 97 — GUIMARÃES

Estação de verão. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,,

## PREÇOS MODICOS.

### A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno ... .. 1\$300 rs.  
Semestre ... .. 650 "  
Trimestre ... .. 350 "  
Numero avulso ... .. 30 "

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Annuncios e communicados, linha 40 rs.  
Repetição, por linha ... .. 20 "  
Reclamos, até 5 linhas ... .. 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

### O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administração do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

### A RESTAURAÇÃO

6.<sup>o</sup> anno

SEMANARIO CATHÓLICO

N.<sup>o</sup> 286

Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de *A Restauração*.